

OS DESENHOS DE CARYBÉ E A CONSTRUÇÃO DE UMA BAIANIDADE

RITA MÁRCIA AMPARO MACEDO

Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade (UEFS), IFBAIANO Campus Alagoinhas,
ritamparo@yahoo.com.br

Resumo

Esse trabalho tem como proposta a compreensão entre a arte de Carybé, que por meio seus trazem elementos da vida simples e do cotidiano das pessoas comuns. Pensar o desenho arte e como Carybé trabalha na construção do papel que ele ocupa na construção da baianidade. Para tanto, serão utilizadas referências como: DANTO, Arthur C. no seu artigo: “The Artworld” (1964); FURRER, Bruno. Carybé (1986); FERREIRA, Edson Dias. Sobre a expressão pensar desenho: uma reflexão possível (2010).

Palavras chave: Carybé, desenho, baianidade.

Summary

This work has as a proposal the understanding between the art of Carybé, that through his bring elements of the simple life and the daily life of ordinary people. Think of the art drawing and how Carybé works in the construction of the paper that he occupies in the construction of the baianidade. To do so, we will use references such as: DANTO, Arthur C. in his article: "The Artworld" (1964); FURRER, Bruno. Carybe (1986); FERREIRA, Edson Dias. On the expression think drawing: a possible reflection (2010).

Keywords: Carybé, design, baianidade

INTRODUÇÃO

Os desenhos assim como a arte estão imbricados na questão cultural da concepção que se tem destes e qual importância eles exercem nas sociedades através elementos de construção de um povo, suas características, seus modos de vida.

Tendo como objetivo pensar o desenho arte e como Carybé trabalha na construção do papel que ele ocupa na construção da baianidade. Esse trabalho, é adotado um modelo teórico-metodológico de natureza qualitativa, compreendendo que o desenho comunica-se com vasta possibilidade não só pela linguagem verbal, mas também por meio de imagens, é de certa maneira imprescindível o papel que a semiótica desempenha para um melhor entendimento do mundo e da nossa realidade. Sendo assim, é preciso ressaltar: “Não há a pretensão de tudo perceber, nem de que a semiótica nos dará todas as respostas” (JOLY, 2012, p. 32).

Santaella, em seu livro *O que é semiótica* (1983, p. 84), descreve a atuação fundamental de Charles Sanders Peirce: “Peirce dedicou-se ao estudo dos signos e os compreendeu de maneira triádica (representamen sendo a parte perceptível do signo; objeto sendo aquilo representado ou substituído; interpretante como sendo o significado)”.

A sistematização da cultura nas sociedades ocidentais segundo Muniz Sodré, 1988, p.14:

A cultura implica, portanto, numa prática diferenciada regida por um sistema, que se entende como o conceito das relações internas típicas da realidade da produção, pelos indivíduos, do sentido que organiza, com os próprios membros do seu grupo e com outros grupos humanos.

Essas relações vão além de uma transmissão cultural, elas promovem e estabelecem relações de sentido entre os humanos e seus grupos possibilitando uma ampliação nas possibilidades de acesso e difusão dos conhecimentos produzidos. A transformação do real, a capacidade de estruturar elementos que se estabelecem como culturais fazem uma disposição do quanto à questão cultural pode ser vasta estabelecendo vários canais de comunicação.

Cultura é o modo de relacionamento humano com o real. Este “real” não deve ser entendido como uma estrutura histórica globalmente considerada nem mesmo como um conjunto de elementos identificáveis” (Muniz Sodré, 1988, p.48).

Essa busca por uma identidade que possibilite desvendar o que é real nos permite pensar uma forma de procurar a singularidade dentro de um universo de possibilidades. A cultura é uma constante busca por esse modo particular de perceber o mundo e tornar o real significativo. É através da linguagem que os conceitos se formam e a partir da sua significação é que se estrutura a sua organização lógica permitindo uma difusão desse conhecimento.

Para tanto, é preciso estar atento para que um determinado grupo de humanos não imponham a sua cultura como hegemônica em detrimento a outro determinado grupo humano. Essa questão nos leva a refletir como a cultura pode ser utilizada como instrumento de dominação e de supremacia de um grupo pelo outro.

Com sua arte cheia de ritmo, de cores e de movimento, Carybé consegue fazer a sua multiplicidade de poder de criação ir fluindo através das suas pinturas, seus desenhos, seus murais e suas esculturas. Ele retrata a expressão cotidiana de um povo que trabalha, que dança, que sensualiza com suas mulheres e com os seus corpos, que joga capoeira e também retrata o seu lado místico e sagrado. Esse é Carybé, esse homem e esse artista que viveu em meio ao povo e que retratou a sua realidade.

Não é sem razão que Mirabeau Sampaio diz: “Nasci e me criei em Salvador” ele é da mesma idade de Carybé, nascido no mesmo ano – “e posso lhe afirmar: na Bahia, não existia um negro, era uma coisa que ninguém tinha visto aqui, até a chegada de Carybé. (FURRER,1989, p.149).

A contribuição que um artista desse porte traz para as artes da Bahia e do Brasil promove um engrandecimento, por retratar de maneira ímpar a cultura de um povo através das festas religiosas, das baianas de acarajé, dos Orixás do candomblé, da puxada de rede, da vida noturna e a prostituição, o cangaço, a vaquejada, o índio, o mestiço, retratou como ninguém as feiras livres, o largo do Pelourinho e a capoeira.

No âmbito da capoeira, freqüentou as diversas rodas dos diversos centros de capoeira e pintou o cenário onde ocorriam as famosas rodas do barracão do Mestre Waldemar, no bairro da Liberdade, na Avenida Peixe, no Corta-Braço (CASTRO JUNIOR, 2012, p117).

Como o próprio Carybé dizia: “um dos primeiros lugares que visita em qualquer cidade são as feiras e mercados. Só depois é que vou aos museus” (FURRER, 1989, p.157).

Através dessas percepções de movimento, de gestualidade dos corpos, das cores, cheiros e sabores encontrados no espaço das feiras e mercados é que Carybé podia perceber a vida em sua real criação, em ações presentes sendo vividas naquele momento e naquele espaço. A aproximação de Carybé com a capoeira e com o candomblé permitiu a visibilidade de manifestações e culturais e religiosas que estavam à margem da atmosfera social que era valorizada e retratada. Esse é um momento diferente também nos setores econômico e político do Brasil. A expansão da indústria, o desenvolvimento do comércio, e a questão da criação de uma identidade cultural brasileira. Carybé fez parte de todo esse processo de construção de uma brasilidade e de uma baianidade que florescia com uma potencialidade que artisticamente se desenvolvia.

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS OBRAS DE CARYBÉ

A Capoeira

*Ê, da capoeira camarado.
Dá volta ao mundo
ê, dá volta ao mundo camarado.*

Carybé descrevia a capoeira como uma luta singular, onde se usava a cabeça e os pés, vinda originalmente com os negros de Angola. Ele via na capoeira uma luta muito eficiente que utilizava técnicas de defesa e ataque. Compreendendo a eficiência da luta, ele mesmo dizia: “Deve ter sido esse o motivo principal da repressão que sofreu a capoeira no tempo dos senhores de engenho, da polícia imperial e da republicana” (CARYBÉ, 1976, p.41).

Grande entusiasta e admirador da capoeira, tocador de pandeiro e berimbau, observava os movimentos que os corpos realizavam durante o jogo e a partir do que ele via, produzia em seus trabalhos revelando não só a luta, mas, toda a simbologia que faz parte da capoeira. E assim, lutando e dançando com o toque dos instrumentos, a capoeira, com as cantigas, valorizando a cultura, o povo e seus mestres, ao passo que, sua arte foi se firmando no Recôncavo baiano.

Conheceu um leque de capoeiristas renomados, tais como: Manoel dos Reis Machado, Vicente Ferreira Pastinha, Valdemar da Liberdade, Traíra, Gato, Cobra Coral, Samuel Querino de Deus e muitos outros. Frequentou, também, o Centro Esportivo de Capoeira

Angola e chegou a se matricular no Centro de Cultura Física Regional Baiana (CASTRO JR, 2012, p.119).

Carybé mergulhou nesse universo místico, físico e encantador, onde o corpo é utilizado de maneira dinâmica, festiva, forte e certamente com os molejos e as mandingas de um bom capoeirista. O corpo capoeira compõe um ritual de tradições, eficiências e mistérios que permeiam o imaginário das pessoas que se deparam com uma roda de capoeira. Berimbau, caxixi, reco-reco e o pandeiro são os instrumentos musicais que acompanham o jogo da capoeira e Carybé descreve os toques do berimbau em:

“São Bento Grande – jogo ligeiro; São Bento pequeno – samba da capoeira; Banguela – jogo de dentro, com faca; Santa Maria – jogo lento; Ave Maria – hino da capoeira; Amazonas – jogo médio; Iúna – jogo de baixo; Cavalaria – era um toque de aviso, quando se aproximava alguém não afeto à roda (1976, p.47).

Carybé através da sua arte concebeu uma maneira singular de desvendar a cultura baiana, capaz de produzir imagens que representam os traços e as sutilezas com o corpo em movimento através do jogo da capoeira. Olhar o desenho do corpo do capoeirista é visualizar o mais próximo do real um jogo que se movimenta, que se curva, que se desloca, com uma precisão de um grande artista como Carybé.

O Candomblé

“Se engana quem pensa que a Bahia é uma cidade de contrastes”, já dizia Carybé em seu livro (“As sete portas da Bahia”, 1976). Para ele o contraste não existia. A Bahia é um lugar onde tudo se interpenetra e promove, com isso, sentido para o que se vive e o que se representa.

Quero dizer que aquela ruma de São Jorge que Alfredo Simões, o santeiro, esculpe e encarna é São Jorge, mas ao mesmo tempo é Oxossi; um era Capadócio, o outro das terras de Ijebu Odé, cada qual andou a distância e aqui na Bahia, ou Roma Negra, ou Cidade do Salvador, ou simplesmente Salvador, se irmanaram, viraram unha e carne e ali estão, em cores fulgurantes na prateleira de Simões, ou em forma de arco e flecha na barraca de Camafeu, no mercado (Carybé, 1976, p.13).

Dessa maneira, se percebe um entrelaçamento entre as culturas locais e a percepção do artista para a valorização da cultura dos afros descendentes com a cultura do colonizador

português e a religião católica como a religião oficial do Brasil. O sincretismo religioso que acontece na Bahia em especial através do culto ao candomblé e a sua valorização como religião dos povos descendentes dos africanos, aqui no Brasil, ocorre aos olhos do artista como um espetáculo de magia, festa, alegria, fé e beleza. Ele mesmo como Obá Onã Xocun, vivenciou o candomblé e como Obá ajudou a divulgar o candomblé de forma positiva através da sua arte retratou a vida do povo de santo nas suas aquarelas, nos desenhos, registrando os saberes, os rituais, os cultos e os Orixás e possibilitando ao mundo conhecer através da arte os fazeres de um povo que traz consigo uma identidade afro brasileira e baiana.

Amado (1997, p.4), relatava que ambos eram de Oxosse e que: “inúmeras vezes fizemos bori juntos e dormimos na mesma esteira no Axé do Opô Afonjá, ao tempo de mãe Senhora”. Carybé retratou através de aquarelas que se transformaram em um documento (Iconografia dos deuses africanos no candomblé da Bahia), as festas, os ritos de iniciação, retratando roupas, instrumentos, adereços além de expressar toda a divindade e espiritualidade presente nos cultos afro-brasileiros.

A explicação do sincretismo existente no candomblé, Carybé também tratou de relatar de forma que as coisas acontecem interpenetradas. Ele explica a devoção dos santos católicos e o culto aos Orixás em “As sete portas da Bahia” (1976, p.283). Assim ele escreveu:

Os santos católicos possuem dupla personalidade aqui. Assim como Iemanjá é Nossa Senhora da Conceição, São Lázaro é Omolu, basta ir às segundas-feiras para a pequena igreja e veremos inúmeras oferendas de pipocas que é comida de Omolu; São Jorge é Oxossi, o caçador, e a Senhora Sant’Ana é Nanã Burucu, a mais velha das divindades da água. Não há nisso desrespeito algum, a fé e a devoção são iguais como quer que o santo se apresente, se vestindo couraça montada em branco corcel ou se farejando caça na mata, de arco e flecha na mão, a veneração será a mesma, a graça, pedida com a mesma unção.

A maneira de lidar com o candomblé tornou Carybé um artista que valorizou e desvendou o cotidiano da cultura afro-brasileira para todos que tivessem contato com a sua obra. Esse legado de conhecimento e de amor pela mistura que a Bahia proporciona fez esse homem de origem estrangeira se sentir parte integrante dessa cultura e desse povo que ele tanto gostava de retratar nas mais diversas técnicas artísticas. A sua contribuição está eternizada e faz parte do patrimônio de uma gente que não aparece, gente comum. Uma arte cheia de sentimentos e significados, o que a tornou uma obra original.

CONCLUSÃO

A Arte como um processo de criação humana permite várias possibilidades de perceber o mundo, reconhecê-lo e poder a partir dela visualizar a realidade, pois a arte reflete a sociedade, seus momentos históricos. É dessa maneira que a arte em Carybé (1911-1997) ganha forma através de uma linguagem e de um saber corporal que ultrapassa o papel e ganha contornos de referência de imagem e patrimônio de um povo, transformando cenas cotidianas em arte que se entrelaçam com a realidade.

A arte maior de Carybé era o seu desenho, guiado por uma privilegiada percepção visual e apurado numa síntese absoluta. Em dois ou três traços essências mostrava um gesto, um jeito especial do povo baiano (...). Muitas vezes dava-se ao luxo de usar o espaço branco não completando o desenho, e as linhas inacabadas eram suficientes para se imaginar a que faltava. Nunca se baseava em fotografias ou modelos, só desenhava de memória e “só me lembro do que é importante o que não me lembro é porque não precisava”, numa síntese incomparável. O seu desenho já nasceu como síntese de quem vai ao âmago das coisas. (Matos, p. 393-394, 2003).

Através da arte é possível perceber um saber corporal, que segundo Castro Jr: “(...) revelam o saber corporal “arquivado no corpo”, uma memória que expressa as micropolíticas do desejo” (CASTRO JR, 2012, p.115). As imagens e as representações nela contida simbolizam as questões culturais contemporâneas tratadas nessa obra e como ela traz os traços de uma gente, de uma identidade, de uma história. Essa obra porta em si a força da cultura e da história da Bahia de uma maneira original, porque para Carybé (1976 p.13):

“A Bahia não é uma cidade de contrastes. Não é não. Quem pensa assim está enganado. Tudo aqui se interpenetra, se funde, se disfarça e leva à tona sob os aspectos mais diversos, sendo duas ou mais coisas ao mesmo tempo, tendo outro significado, outra roupa, até outra cara”.

O artista enxerga a Bahia como um grande cenário de vida e é nesse sentido que Carybé retrata a Bahia em seus desenhos, como um lugar onde as coisas, as pessoas e seus costumes fazem sentido e representam um traço peculiar.

Voltemos, pois, as questões iniciais que nortearam o nosso trabalho: Em que consiste uma obra de arte? Como retratando o cotidiano das pessoas, Carybé conseguiu eternizar-se no rol dos grandes artistas? No decorrer do texto vimos que as impressões pessoais do homem Carybé se confundem com as impressões artísticas. Ele pintava o popular e fazia da potência humana a sua força na expressão de seus trabalhos.

Estamos falando de um artista complexo, que apresenta uma perspectiva híbrida entre a cultura do cotidiano popular da cidade e os símbolos universais. O seu trabalho privilegia o gráfico utilizando as linhas, as formas, os volumes e o espaço, como possibilidades de produzir incríveis narrativas dos corpos enredados na materialização da produção cultural (CASTRO JR, 2012, p.120).

O trabalho de Carybé se propõe a algo inédito. Mostrar a Bahia como ela jamais havia sido mostrada. A arte cumpre sua tarefa de levar o conhecimento desse lugar impregnado de misticismos, rituais e gente. O que torna o artista Carybé um grande observador, não só espectador, mais também, um participante desse lugar que ele representa de maneira categórica.

A atmosfera de criação que impregna sua obra é seu marco, seu referencial de criação.

Foi o artista que respeitou suas origens e no seu trabalho deu uma dignidade especial aos negros, aos índios, a pessoas humildes, sejam quais fossem as situações em que os colocava, e nunca se desviou do seu caminho para ingressar em movimentos artísticos e pretensas vanguardas. Um daqueles raros artistas que não se classifica e atravessa qualquer fase pela força do seu estilo e pela sua autenticidade, a evolução da arte de Carybé aconteceu dentro do seu estilo particular (Matos, 2003, p.395-396).

Se a arte for vista como um elemento da expressão da teoria que ela está envolvida, o que dizer da obra de Carybé? Um artista que produziu obras que se eternizam no cenário da arte não só na Bahia e no Brasil. A objetividade e a realidade que compõem a sua trajetória é a sua marca. Um homem que escreveu a história e a história cultural da Bahia através dos desenhos, pinturas, esculturas, murais, deixando a sua arte registrada nos espaços e contribuindo de maneira ímpar para a disseminação da cultura.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **O capeta Carybé**. Arte para jovens. Coordenação: Donatella Berlendis. Berlendis & Vertecchia Editores Ltda. São Paulo, 32ª edição, 1997.

AMADO, Jorge. DAMM, Flávio. CARYBÉ. **Bahia boa terra Bahia**. Ed. Litobras. São Paulo, 1968.

CARYBÉ. **As sete portas da Bahia**. 4 ed. Rio de Janeiro, Record, 1976.

CASTRO JUNIOR, Luis Vitor. **A arte-capoiera nas imagens do “Capeta Carybé”**. Projeto História, São Paulo, n. 44, pp. 115-140, jun. 2012.

DANTO, A. C. **“O Mundo da Arte”**. Tradução Rodrigo Duarte. Revista ArteFilosofia. Número 1, Ouro Preto: UFOP. (p. 317-334).

FRANÇA JUNIOR, Edevard Pinto. **A construção da baianidade no final do século XX: análise do documentário o capeta Carybé**. VI Simpósio Nacional de História Cultural Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Universidade Federal do Piauí – UFPI - Teresina-PI. ISBN: 978-85-98711-10-2.

FUERRER, Bruno (org.). **Carybé**. Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1989.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Tradução Cristina de Assis Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

MATOS, Matilde. **A BAHIA VISTA POR CARYBÉ (1911-1997)**. Afro - Ásia, 29/30 (2003), 389-413. Acesso em 06.05.2014.

<file:///C:/Users/pronatec/Documents/afroasia_n29_30_p389.pdf,>

MARIANO, Agnes. **A invenção da Baianidade**. São Paulo: Annablume, 2009.

MUNIZ SODRÉ. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Capítulo Genealogia do conceito. 2 edição, Ed. Francisco Alves, 1988.

NÓBREGA, Cida. ECHEVERRIA, Regina. **Verger em retrato em preto e branco**. Apresentação de Arlete Andrade Soares. Salvador, Corrupio, 2002.

PINHO, Osmundo S. de Araújo. **A Bahia no fundamental: uma interpretação do discurso ideológico da baianidade**. Rev. bras. Ciên. Soc., São Paulo, v. 13, n. 36, fev. 1998.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0102690919980001&script=sci_issuetoc>. Acesso em: 12 abr. 2012